

# Destaques

## A explosão de Brasília

A população urbana do Distrito Federal deverá alcançar, até o final desse ano, a cerca de 800 mil habitantes, o que representará um incremento de praticamente 100% em oito anos. Com esta população (considerando-se as cidades-satélites como extensões do Plano Piloto), Brasília pode ser considerada como consolidada, embora alguns aspectos do seu desenvolvimento sejam vistos como desanimadores.

A informação consta de um estudo do economista Décio Garcia Munhoz que não vê a mínima possibilidade de que qualquer planejamento para Brasília se processe num quadro de normalidade, nem que o setor público tenha condições de manter adequado equilíbrio no chamado "equipamento humano".

De acordo com Garcia Munhoz, "projetou-se o contorno físico da cidade, estabeleceram-se regras para as construções, discute-se agora sobre a necessidade de preservação integral do planejamento original, reivindicam-se alterações, mas sempre houve, como continua havendo, pleno e total alheamento com relação aos problemas sócio-econômicos inerentes à construção e consolidação da cidade. Os economistas e sociólogos foram colocados à margem do diálogo".

Assinala-se, ainda, no trabalho que foi publicado pelo Governo do Distrito Federal, que a construção de Brasília tem sofrido, em todos os seus anos de existência, os reflexos de uma série de fatores instabilizadores: "em decorrência, os fluxos migratórios sofrem grandes variações de ano para ano, com o que a população da área tem se elevado, em certas fases, a taxas que podem ser consideradas altíssimas".

O crescimento populacional de Brasília tem refletido diferentemente nas principais localidades: enquanto entre 1970/73 o aumento no Plano Piloto foi em torno de 20% e no Gama 13,6%, a população da Ceilândia ("a maior favela do Brasil", segundo o próprio Ministro do Interior) foi de 19,1%.

Assinala o trabalho que "se se considerar que nas regiões com maior capacidade de atração de emigrantes a população cresce a taxas entre 4 a 6 por cento, poder-se-ia dizer que um aumento populacional aceitável seria em torno de 15% para os três anos considerados, enquanto o Distrito Federal apresentou um irracional aumento duas vezes maior".

O economista Garcia Munhoz se interroga: que problemas enfrenta uma região que sofre o impacto de grandes contingentes humanos no período de apenas um ano? E a resposta surge: evidentemente, o fenômeno tende a gerar um profundo desequilíbrio naquilo que se poderia designar como equipamento humano, ou a infra-estrutura física e social que determina a qualidade do padrão de vida, provocando uma piora para a população como um todo, já que os serviços de transporte, água, esgotos e saneamento, saúde, educação e abastecimento não podem estar preparados para um repentino e sensível aumento de população.

Quais as perspectivas possíveis para o planejamento de uma cidade nestas condições? Garcia Munhoz responde que não vê a mínima possibilidade de que qualquer planejamento se processe num quadro de normalidade, e nem que o setor público tenha condições de manter adequado equilíbrio no "equipamento humano", fato que tende a gerar, em consequência, uma deterioração nas condições de vida para a população do Distrito Federal.